

A EROSÃO COSTEIRA EM ATAFONA: CAMINHOS QUE LEVAM AO PERTENCIMENTO TERRITORIAL EM MEIO AO DESASTRE SOCIOAMBIENTAL

Jayson Freitas Gomes¹

Julia Naidin²

Resumo: Este artigo propõe repensar a narrativa difundida nos canais de mídia sobre Atafona, distrito de São João da Barra (RJ), como um lugar que deve desaparecer devido ao intenso fenômeno erosivo que acomete a sua faixa litorânea. O objetivo do trabalho consiste em apresentar uma perspectiva de Atafona como um lugar de pertencimento em meio ao desastre socioambiental, bem como analisar como o conceito de narração pode ser um dos eixos de resistência das identidades territoriais das comunidades tradicionais diante ao avanço de paradigmas do capital. A pesquisa qualitativa demonstra que em meio aos instrumentos de produção cultural da indústria capitalista, existem caminhos de pensamentos contrahegemônicos, como a narração.

Palavras-chave: Erosão; Atafona; Pertencimento Territorial

COASTAL EROSION IN ATAFONA: PATHS THAT LEAD TO TERRITORIAL BELONGING IN THE MIDST OF SOCIO-ENVIRONMENTAL DISASTER

Abstract: This article proposes to rethink the narrative disseminated in the media channels about Atafona, a district of São João da Barra (RJ), as a place that must disappear due to the intense erosion phenomenon that affects its coastal strip. The objective of the work is to present a perspective of Atafona as a place of belonging in the midst of the socio-environmental disaster, as well as to analyze how the concept of narration can be one of the axes of resistance of the territorial identities of traditional communities in the face of the advance of capitalist paradigms. The qualitative research demonstrates that amid the instruments of cultural production of the capitalist industry, there are paths of counter-hegemonic thought, such as narration.

Keywords: Erosion; Atafona; Territorial Belonging

¹ Mestrando em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Bolsista de Pós-Graduação CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0362-5944>. E-mail: jayson7.com@gmail.com

² Pós-doutoranda Júnior em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Bolsista PDJ (FAPERJ/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7729-0793>. E-mail: jnaidin@gmail.com

Atafona: a narração do mundo em ruínas

Nos últimos anos, o distrito de Atafona, em São João da Barra (RJ), tem sido noticiado pela mídia nacional e internacional como um lugar no litoral brasileiro que pode desaparecer devido ao fenômeno erosivo que acomete sua orla com intensidade (BBC Brasil, 2007; CNN Brasil, 2024; Folha de São Paulo, 2024; France 24 English, 2022; National Geographic Brasil, 2021; O Globo, 2024; The Wall Street Journal, 2023). Contudo, enquanto as reportagens dão ênfase a narrativa sobre Atafona como um lugar apocalíptico, cenário de destruições urbanas causadas pela erosão costeira, pouco conhecimento é disseminado sobre o pertencimento dos moradores por Atafona. Neste sentido, o presente artigo propõe repensar a narrativa difundida sobre Atafona, compreendendo que a narração das histórias é um elemento fundamental para a permanência dos moradores em um lugar que é mais do que um mundo em ruínas. Mais a diante, discutiremos a importância da narração como instrumento de resistência das identidades territoriais de comunidades tradicionais perante novas formas de apropriação e dominação do ser humano e do planeta pelo capital.

Figura 1– Foz do Rio Paraíba do Sul, em Atafona.



Fonte: Parahybano, 2022.

Para realizar esta iniciativa, primeiro contextualizemos que Atafona é o segundo distrito da cidade de São João da Barra, que tem população de 36.573 habitantes (IBGE, 2022) e está localizada na região Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro. O distrito está situado na margem direita da planície de inundação da foz do Rio Paraíba do Sul que encontra o Oceano Atlântico por desembocadura em forma de delta. Uma das principais atividades

socioeconômicas de Atafona é a pesca artesanal, que, tradicionalmente, é realizada por famílias que se dividem no trabalho entre as pessoas que pescam e aquelas que exercem o tratamento e a comercialização das espécies (Viana, 2023).

Figura 2 – Pescador em Atafona.



Fonte: Projeto Colabora, 2020.

Os olhares à Atafona levam ao encontro de suas belezas cênicas singulares e práticas culturais tradicionais com as ruínas de destruição urbana causadas pelo extremo processo de erosão que acomete a praia, provocando prejuízos materiais e imateriais para seus moradores. O fenômeno erosivo impacta Atafona desde a década de 1950, no entanto, a destruição se intensificou nas décadas posteriores, quando havia maior expansão da urbanização pela orla. Desde então, o fenômeno atinge as famílias que vivem da pesca artesanal e aquelas que se estabelecem em Atafona nas épocas de vilegiatura, principalmente os moradores de Campos dos Goytacazes (VALPASSOS & BLASI CUNHA, 2023).

Figura 3 – As ruínas de Atafona



Fonte: Valpassos & Blasi Cunha, 2023.

Por ser um lugar que abriga belas paisagens e pelo acolhimento das famílias pesqueiras aos veranistas, Atafona ficou conhecida como um dos principais balneários da região Norte Fluminense (RJ). Assim, se popularizou na região como um lugar de pertencimento e beleza. Contudo, em poucas décadas, a representação social do lugar foi radicalmente transformada pela destruição erosiva. Desde 1950, estima-se que mais de 200 edificações foram destruídas pelas forças oceânicas e regime de ventos em mais de 14 quadras (VIANA, 2021; RIBEIRO; FIGUEIREDO; ROSAS, 2006), em que os moradores perderam suas casas e estabelecimentos. Os principais atingidos pelo fenômeno erosivo, as famílias pesqueiras, estão entre os grupos sociais mais vulneráveis na estrutura econômica regional³ (DITTY, 2013a, 2013b; OTAL *et al*, 2012).

O que caracteriza a singularidade do fenômeno erosivo que se manifesta no litoral de Atafona é a intensidade e o ritmo que pode chegar a causar a perda de 7 a 8 metros do solo por ano, como no Pontal (arenoso) de Atafona, uma das áreas mais habitadas do distrito e que é o centro da devastação histórica (Ribeiro; Figueiredo; Rosas, 2006). A velocidade média e intensidade da erosão diminuem à sul, no encontro com o distrito vizinho de Grussaí. Neste caso, há uma dinâmica de deriva litorânea dos sedimentos e escombros de Atafona que estendem a faixa de areia costeira da praia de Grussaí, analisada no recorte temporal de 1954 a

³ Ditty (2013a) identificou que os pescadores de Farol de São Tomé, localidade costeira da cidade de Campos dos Goytacazes, passam por dificuldades financeiras. Poucos são os pescadores de Farol de São Tomé que contém cursos profissionalizantes em seus currículos, em um cenário de escassez de oportunidades de emprego na localidade (Ditty, 2013b). Otal *et al* (2012) identificaram que as famílias pesqueiras de Atafona sofrem de vulnerabilidade econômica. Segundo os autores, a baixa escolaridade é comum entre os pescadores.

2019 (DE VASCONCELOS *et al*, 2021). Em Atafona existem períodos em que a deposição de sedimentos supera a perda por erosão, porém, a principal ação exercida na dinâmica de perda e ganho de sedimentos ao longo do recorte temporal estudado por De Vasconcelos *et al* (2021), foi a erosão extrema na costa do distrito.

Contudo, os moradores de Atafona não se preocupam apenas com o avanço das águas oceânicas sobre suas casas. Em períodos de grande volume de águas do Rio Paraíba do Sul, ocorre o transbordo das águas do curso d'água para as ruas imediatas, o que ocasiona a inundação das casas devido à falta de drenagem nas ruas. Esses episódios ainda são potencializados durante as fortes chuvas, levando à perda de bens materiais pelos moradores, bem como das próprias habitações, que vêm sendo interditadas pela defesa civil. Ademais, os moradores próximos à orla ainda enfrentam os impactos da mobilidade dos cordões de dunas pela ocorrência de fortes ventos N-NE (DE VASCONCELOS *et al*, 2021; VIANA, 2021). Ainda, a possibilidade de colapso das estruturas devido à fragilidade provocada pelos fortes ventos e dunas se torna mais uma frequente preocupação dos moradores, que constroem barreiras para conter não somente as águas do mar, como também as dunas (Viana, 2021). Nesse contexto brevemente apresentado, apontando tamanha vulnerabilidade territorial, as dinâmicas de convivência com os processos ambientais trazem novas camadas para a análise das práticas socioculturais de pertencimento no território.

Atafona: a narração da resistência

No cenário permeado por problemas desafiadores, que tem a erosão como o principal ator de destruição, os moradores não perdem somente os bens materiais. Os marcos arquitetônicos e símbolos culturais que constroem as relações de pertencimento à Atafona são transgredidos pelo mar, que deixa exposto e revirado, nos (des)caminhos pela praia, os escombros de construções e sonhos do passado. Como refletem Valpassos & Blasi Cunha (2023), a destruição das casas dos moradores correlaciona-se à perda de artefatos de memória familiar, que foram elementos cruciais para o estabelecimento de vínculos afetivos entre pessoas e a praia. Neste sentido, quando uma casa é carregada pelo mar, também são carregados os pedaços de histórias de uma comunidade tradicional inteira (VALPASSOS & BLASI CUNHA, 2023).

Vale observar que nos referimos a uma comunidade que apresenta uma íntima relação econômica e cultural entre os seus moradores tradicionais - das famílias pesqueiras - e os moradores veranistas - que ali viveram momentos importantes em suas vidas. Como relatam Valpassos & Blasi Cunha (2023, p.7), Atafona foi um balneário de encontros entre famílias da elite campista através “das festas, dos almoços, das caranguejadas, dos bailes”. Contudo, enquanto muitos dos campistas deixaram de ir à Atafona conforme o mar avançou pela área urbanizada, os moradores tradicionais que lá permaneceram, seguem sofrendo com a sistemática destruição todos os dias. Como evidencia Viana (2021, p. 45), várias famílias que vivem da pesca têm casas localizadas nas zonas de maior impacto do fenômeno, estando “no limite entre as casas e as oscilações do mar”. Quando as inundações acontecem, precisam suspender os seus móveis e eletrodomésticos com tijolos e madeiras (VIANA, 2021, p. 46).

Figura 4 – Inundações em ruas de Atafona.



Fonte: Viana, 2021.

Atafona também foi popularizada pelos antigos estabelecimentos que proporcionavam um grande encontro de pessoas, como os tradicionais bares e botecos, alguns ainda resistem até os dias atuais. Segundo Viana (2021), os comerciantes também estão entre os mais prejudicados pela erosão, sendo que alguns precisaram se deslocar para novas estruturas. De fato, em Atafona, chama a atenção a persistência de seus moradores que preferem permanecer, mesmo após seguidas perdas residenciais e insegurança quanto a continuidade do avanço do mar. Em diversas formas de se negar a abandonar, os moradores realizam diferentes estratégias de enfrentamento à erosão, performando um mosaico de territorialidades que podem ser compreendidas como formas de resistência (VIANA, 2021, 2023). Neste sentido, uma espécie

de simbiose entre indivíduo e território é um dos elementos mais intrigantes para interpretarmos os impactos do fenômeno ambiental no meio social estudado.

Figura 5 – Barricadas feitas por morador de Atafona.



Fonte: Viana, 2021.

Nessa perspectiva, é necessário relembrar que o território é socialmente construído através de práticas de apropriação e dominação do espaço. Como definem Haesbaert (1995, 1997) e Haesbaert & Limonad (1999), o sentido do território é construído por relações de poder e orientado também como uma produção cultural. Podemos analisá-lo em sua dimensão simbólica, uma vez que as práticas sociais promovem e são promovidas pela organização do espaço e por atos de significação que nele se passam. Neste caso, a dimensão simbólica é parte elementar do estabelecimento de territorialidades, como aquelas exercidas pelos moradores de Atafona através das práticas de permanência. Nesta concepção, a apropriação dos indivíduos ou grupos por um espaço vivido mobiliza o campo das subjetividades, dos sentimentos e das emoções, que se relacionam aos significados dos interesses, das paixões, dos atos de solidariedade, bem como aos conflitos e lutas que também integram e tecem as relações contraditórias em sociedade.

Atafona: a narração do pertencimento

O pertencimento dos moradores por Atafona, ainda que profundamente imersos na dimensão trágica da perda territorial para o mar, suscita a análise de possíveis elementos simbólicos que constroem as práticas de permanência dos moradores. Neste caso, nos

debruçaremos sobre a narração como possível elemento de construção das práticas de resistência e permanência. Em outras palavras, interpretamos que a narração ou conto de histórias sobre Atafona pelos moradores pode ser um elemento simbólico de construção das práticas de resistência ao avanço do mar e que assim, pode ser um dos elementos que fortalecem a permanência em meio à destruição urbana. A escrita a seguir relaciona o conceito acadêmico explorado por Han (2023) às vivências do autor deste artigo em Atafona. Ser neto de um dos moradores da ‘Antiga Atafona’ possibilitou ir de encontro às práticas sociais dos atores que produzem o resistir às ondas, como a prática da narração de histórias. Contudo, primeiramente, definiremos o que entendemos como narração e qual a sua importância para a preservação de identidades territoriais.

Como explica Han (2023), a narração tem o poder de criar e fortalecer os laços sociais de uma comunidade, pois é capaz de carregar sentidos múltiplos de existência através da conexão de pessoas que alimentam um sentimento de empatia pelas outras e por seu espaço de convivência, através das experiências vividas e contadas. A narração se notabiliza como um ato de generosidade, que é alimentado pela capacidade da atenção profunda ao que está sendo ensinado. Ela é construída pela capacidade de ser paciente, de se importar com a história que o outro narra, e assim, de desenvolver a curiosidade por novas experiências e significados, pensamentos, valores e símbolos. Neste sentido, a narração aspira o encontro de pessoas em condições que os aproximam, na qual as diferenças são articuladas em busca do encontro de sentidos de pertencimento mútuo.

Ao escutarmos os antigos moradores de Atafona, é possível ir de encontro à um processo de revitalização e atualização das memórias através da narração ou conto de histórias dos diferentes acontecimentos da praia ao longo dos anos. Nisto, os jovens moradores se encontram com as raízes de suas origens familiares, em um encontro geracional de aprendizados sobre os valores simbólicos locais. Esta comunidade é marcada por práticas tradicionais, como a pesca artesanal, em que os sistemas culturais são ensinados através do uso da oralidade e das histórias sobre os diferentes tempos de Atafona, que demonstram as mudanças no distrito ao longo das décadas de erosão. Neste caso, a narração é um componente que resgata as memórias de lugares que não existem mais, como ruas, casas, praças, bares, clubes, jardins e caminhos irrecuperáveis. Desta maneira, a narração exerce o papel de reviver paisagens para além das ruínas do presente, e assim, mobiliza o pensamento e a imaginação de diferentes gerações acerca das condições de um espaço e de um tempo que não existem mais.

A valorização de experiências é ensinada aos mais jovens, que aprendem desde cedo os conhecimentos locais, como aqueles transmitidos pelos pescadores sobre o regime de ventos, a relação entre a lua e o nível das marés, as estratégias de pesca em dias e noites, em tempos de sol ou tempestade, assim como a histórica diminuição da vazão do Rio Paraíba do Sul e o seu impacto na erosão costeira (VIANA, 2021). E também, como aqueles conhecimentos ensinados acerca do “clube de Atafona”, a “caixa d’água” e o “prédio do Julinho”, todas construções históricas que foram gradativamente sendo transformadas em escombros e hoje são narrações dos moradores como antigos lugares comunitários. Em meio à uma variedade de histórias e personagens, contudo, o mar se manifesta como o ator principal nos contos, que carregam os fragmentos dos mistérios irreveláveis. Isto, pois eles carregam memórias sobre noites em que o mar se comportava violentamente como uma natureza implacável.

Figura 6 – Escombros em Atafona.



Fonte: Olhar Digital, 2025.

Como aponta Han (2023, p.19), um dos elementos principais da narração são “as margens de milagre e de mistério”, em que explicações mais profundas não são dadas por quem narra os acontecimentos. O ouvinte se encontra em uma posição de receber, pelas entrelinhas do discurso, as intenções do narrador. Resta a quem ouve, perceber os sentidos provocados pelas lacunas dos contos. O que é? Como aconteceu? Quando aconteceu? Quem estava presente? É preciso escutar e pensar, estabelecer compromisso com a história e com quem a conta.

Figura 7 – Foz do Rio Paraíba do Sul em Atafona, 1974.



Fonte: Viana, 2021.

A narração revisita a tradição ao reproduzir os valores significantes do passado, mas estabelecendo ligações com novos símbolos, sendo um instrumento de memórias que carregam uma longa temporalidade e estabelecem novas raízes com o presente (Han, 2023, p. 23). Elas não se restringem ao agora, não são curtas de reprodução, não perdem sua comunicação de forma instantânea. As memórias são alimentadas por novos sentidos cotidianos, por novos encontros entre gerações, por novos encontros entre os autores do narrado e o mar como o ator presente em muitas histórias. A comunidade que é reconstruída pelo poder da narração torna os ouvintes atentos, como lembra Han (2023, p. 25-26) em “quem escuta atentamente, esquece de si mesmo e se afunda naquilo que escuta”. O diálogo provoca atingir a essência da busca por significados através da experiência histórica de cada ator, superando as ondas da aparência. No caso de Atafona, a narração reproduz o movimento do mar nas areias da praia e faz emergir na superfície aqueles fragmentos de memória que estão no fundo do oceano do pensamento.

Para além de Atafona: o *storytelling* como centro da vida artificial

A estrutura de sociedade em que estamos inseridos é permeada por um mosaico de desigualdades, que se estabelecem como engrenagens para a acumulação do capital por uma minoria de atores que detêm o poder político-econômico nas relações produtivas. Em torno dos princípios de acumulação, as desigualdades econômicas, sociais, étnico-raciais, culturais e ambientais se tornam inerentes elementos da reprodução do sistema capitalista, que rebaixa à vida humana à condição de força de trabalho e a natureza à condição de recursos a serem

extraídos. Este sistema de organização das desigualdades deslegitima as diferentes formas de existência social através da destruição e enfraquecimento das “capacidades intelectuais e morais, afetivas e estéticas dos indivíduos” e do desrespeito às tradições culturais e organizacionais (Lipovetsky & Serroy, 2015, p. 8). Da mesma forma, o capitalismo leva ao enfraquecimento das “formas harmoniosas da vida”, e promove “o desvanecimento do encanto e da graça da vida em sociedade” (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p. 8).

Diante da centralidade da usurpação da força de trabalho do indivíduo como fundamento da lógica capitalista, os laços de fraternidade entre as pessoas são negligenciados e inviabilizados. Os indivíduos envolvidos na estrutura da sociedade são influenciados por um conjunto de valores que promovem a individualidade e rompem com a solidariedade. Nesta perspectiva, os processos capitalistas moldam a vida social, influenciando a construção social de indivíduos que projetem suas existências através da negação às diferentes formas de conhecimento e saber que podem ser adquiridas no encontro ao outro (KRENAK, 2017). Nisto, os condicionamentos procuram construir indivíduos que neguem os apelos por justiça social, pois, investidos nos valores de individualidade e competitividade, são insensibilizados às desigualdades à sua volta. Tal embrutecimento do sensível ao social se estende ao ambiental, quando nos desvincilhamos de nossas culturas, como nas imigrações, o próprio ambiente natural passa a ser coisificado como passível de destruição.

Para que as preferências capitalistas façam parte da socialização dos indivíduos, canais de produção da indústria cultural se fazem presentes constantemente. Segundo Lipovetsky & Serroy (2015, p. 9), “os sistemas de produção, de distribuição e de consumo são impregnados, penetrados, remodelados por operações de natureza fundamentalmente estética”. Em outras palavras, as formas como nos percebemos e percebemos o mundo através da exposição estética e artística, são convergidas aos processos hegemônicos de imagem e de sentido. Isto significa que a forma como enxergamos a beleza, mobilizamos nossos desejos e atingimos nossa vulnerabilidade que está sendo influenciada pela indústria da produção capitalista, sendo esta, “um modo de produção estético que define o capitalismo de hiperconsumo” (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p.9).

Neste processo estético de construção social, os indivíduos são moldados pelo sistema através da internalização de sentidos permeados pelas preferências de mercado. Este processo é planejado para que a produção comercial possa atingir as emoções dos indivíduos através de redes de afeto artificiais, que buscam superar o valor orgânico da vida (HAN, 2023, p. 13). São

exemplos deste processo, as imagens construídas através das narrativas planejadas, os estilos e comidas que provocam novos significantes, bem como a indústria de filmes e músicas que monopolizam sentidos de enxergar o real. O processo consiste em uma produção do imaginário social, que se conforma como uma dimensão estético-emocional construída pelo “capitalismo artista”, como “um novo modo de funcionamento que explora racionalmente e de maneira generalizada as dimensões estético-imaginárias-emocionais tendo em vista o lucro e a conquista dos mercados” (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p.10).

Nas últimas décadas, a indústria de produção estética do capital tem se utilizado das redes sociais como um dos principais canais de mercado, sendo planejadas para construir uma visão consumista e competitiva da realidade. As redes sociais são estratégicas, pois atraem a atenção do usuário, que, por horas, dedica seu tempo, energia e atenção em direção a telas, que traduzem e monetizam nossa dedicação em um espaço da vida artificial de captura política dos nossos afetos. Entre os elementos fundamentais das redes sociais estão os algoritmos, que, cada vez mais funcionais, arquivam e organizam características do indivíduo, para que em sequência, sejam promovidos conteúdos instrumentalizados pelos interesses e desejos de consumo do usuário. Os algoritmos são ativos construídos pelo cruzamento de dados articulados a instrumentalização da publicidade, a “alma” das redes sociais, levando pessoas a falarem menos entre si e mais com as inteligências artificiais de atendimento pessoal e promessa de supressão de toda e qualquer demanda imaginável.

Em virtude do comportamento invasivo de produção do valor estético-emocional nos indivíduos, as redes sociais disseminam uma excessiva quantidade de informações por minuto, que obedecem à lógica do *storytelling*, como forma de comunicação construída pelo mercado (HAN, 2023). O *storytelling* é promovido por grandes grupos de comunicação global através da disseminação de informações curtas de duração e aprofundamento jornalístico, e que se apoiam na especulação e horror para atingir constantes visualizações dos usuários das redes sociais. Assim, são pavimentadas pelo conteúdo ideológico do mercado, que idealiza a informação como instrumento da reprodução do lucro através de clicks, visualizações e consumo.

Han (2023) afirma que a prática do *storytelling* tem submetido as pessoas a novos padrões comportamentais, na medida em que o contato orgânico entre os indivíduos está sendo substituído pela disseminação do mundo artificial construído pelo *storytelling*. Neste processo, as relações sociais, construídas através da linguagem, perdem a centralidade no mundo artificial

das redes sociais, pois, através da difusão do *storytelling*, acontece a ruptura das trocas orgânicas e à perda do conteúdo das histórias narradas. Neste mérito, as redes sociais, baseadas em sistemas computacionais, impulsionam os interesses de consumo dos indivíduos, que, ao longo do tempo, podem desenvolver identidades solitárias, apoiadas na persona do virtual e, afastando-se da dimensão política da convivência e da reflexão sobre as condições da materialidade do real.

Atafona: a narração como instrumento de resistência ao *storytelling*

Em virtude da importância da narração como instrumento de pertencimento ao território e a vida social em comunidade, Atafona pode representar alguns dos princípios indissociáveis para a humanidade no sentido que Krenak (2017) propõe. Segundo o autor, o pertencimento da humanidade ao seu lugar de vivência é o que nos aproxima de quem somos existencialmente. No entanto, para Krenak (2017), a sociedade global está produzindo migrações climáticas levando grupos e comunidades a distanciarem-se de seus territórios e culturas de origens e da conexão com a natureza que traz sentido à vida. No sistema atual, os sentidos e significados culturais estão sendo cooptados, restringidos e direcionados por uma lógica de expansão, extrativismo e estratificação que nega a diversidade e a pluralidade das formas de existir.

Qual o lugar e a função da estética da ruína neste contexto global? Uma boa pergunta para nós.

Estar na Terra não corresponde seguir os processos econômicos que objetivam a acumulação de capital para atores que direcionam os investimentos nas estruturas globais políticas, sociais e ambientais da sociedade. Estar na Terra, segundo (KRENAK, 2017), corresponde à produção de poderosas relações sociais construídas por vínculos com a natureza, que intrinsecamente, mobilizam o reconhecimento à cultura de cada povo. Desta maneira, o conjunto de valores que construímos socialmente deve estar enraizado às nossas origens, pois, segundo o autor “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (KRENAK, 2017, p. 9).

Atafona, insere-se nesta perspectiva sensível e cultural como um território permeado por íntimas relações entre seus moradores, e destes com a natureza em um caráter ao mesmo tempo sensorial e cosmológico. Uma condição que se sobressai às ideias atuais do *storytelling*,

em que a natureza é objetificada e perde força sobre as vivências urbanas digitalizáveis, instagramáveis, que rendem um bom “*storie*⁴”. Por meio da narração que confere novas camadas de significação e de imaginação sobre um espaço que não está mais lá, as pessoas encontram outras pessoas, outros lugares e produzem identidades solidárias tendo a própria erosão como elo. Desta forma, a narração apresenta-se como um instrumento capaz de romper com a padronização de valores consumistas e de práticas competitivas assumidas pelo *storytelling*. Diante disto, e a partir de Han (2023), podemos interpretar que a narração pode levar a construção de identidades territoriais menos suscetíveis aos processos de destruição da sociedade e natureza pelo capital.

Figura 8 – Protesto realizado por movimentos sociais e moradores de Atafona.



Fonte: Viana, 2021.

Quando falamos em identidade, entendemos como “modos de inscrição que vinculam as instituições e os seres ao meio e à cultura” (CARVALHO, 2012, p. 210). Assim, a identidade é produto das apropriações realizadas pelas pessoas e grupos em diversos processos de socialização nos variados campos socioespaciais da vida. Um exercício processual de construção em tensão, a identidade nunca será completa, pois vivemos em constante acúmulo e esquecimento de referências culturais, estabelecendo redes de identificação e negação (HALL, 2006). Para Carvalho (2012), as identidades são relacionais:

⁴ Referência ao Instagram, mídia da rede social que pode ser infinitamente republicada e que desaparece nas próximas vinte e quatro horas.

No mundo contemporâneo, elas são necessárias para que reconheçamos nossa pertença: o que somos, o que temos em comum, o que nos diferencia dos outros e o que gostaríamos de ser. Elas são necessárias para o estabelecimento dos relacionamentos interpessoais (DESCHAMPS; MOLINER, 2009 *apud* CARVALHO, 2012, p. 212).

A identidade é construída sempre na tessitura e atravessamento dos encontros, sendo uma “necessidade humana básica individual”, que nos possibilita ir de encontro às identidades coletivas, que podem ser construídas em redes de afetividade e pertencimento (CARVALHO, 2012). Neste sentido, nos apoiamos em Krenak (2017) para apontar que a construção identitária do indivíduo acontece em um mundo real, com conexões sociais vivenciadas em diferentes esferas da vida em natureza. E, que diante do avanço das formas superficiais de existência (Krenak, 2017) e do esvaziamento das relações sociais (LIPOVETSKY & SERROY, 2015), as comunidades tradicionais exercem um papel contra-hegemônico a partir da produção de saberes e conhecimentos por meio de práticas como a narração.

O pertencimento em meio a erosão é uma marca que une a comunidade de Atafona às diferentes práticas de resistência por um mundo mais sensível, que Krenak (2017) enaltece fornecendo caminhos para o enfrentamento aos processos de enfraquecimento que se iniciam em redes superficiais construídas pelo *storytelling* (HAN, 2023). Estes, de uma forma simbólica, representam os processos de expulsão de modos de vida tradicionais por projetos econômicos que atendem à acumulação de capital (SASSEN, 2024). Estes processos iniciam na perda da conexão entre o sentido e a palavra, na incorporação esvaziada de discursos, símbolos, valores e culturas hegemônicas.

Hall (2006) aponta que a expansão do capitalismo nas décadas finais do século XX produziu transformações nas identidades dos indivíduos. Em torno da reestruturação das relações produtivas, novos processos político-econômicos e socioculturais emergiram, levando à tensão entre as escalas global e local. Através do encontro de escalas, novos processos de socialização permitiram novas possibilidades de apropriação cultural, e, portanto, interferiram na construção de identidades. Segundo Hall (2006), a cultura global não homogeneiza as culturas locais, pois, os sistemas globais de interação cultural são distribuídos de forma desigual na sociedade. O autor acredita que as sociedades “periféricas” estão abertas às influências da cultura ocidental capitalizada, mas diz que a globalização não enfraquece as culturas e identidades locais. A globalização causaria o efeito de fortalecer as identidades locais e/ou de

produzir novas identidades que se apropriem dos ordenamentos da cultura ocidental capitalizada (HALL, 2006).

Nesta perspectiva, as influências culturais do capital podem impactar as identidades das comunidades tradicionais, uma vez que as relações sociais sofrem transformações provocadas pela estrutura capitalista (LIPOVETSKY & SERROY, 2015). Contudo, diante dos paradigmas hegemônicos surgem práticas contra-hegemônicas, que sustentam correntes de pensamento diferentes da lógica capitalista (KRENAK, 2017). A narração representa um dos caminhos possíveis para uma construção a devir da história ou estabelecimento de histórias mais solidárias em novos contextos político-econômicos, socioculturais e ambientais. Comunidades tradicionais, como Atafona, recuperam memórias, saberes, conhecimentos, significados, experiências e valores do passado através de práticas e sentidos ressignificados no presente para a construção de novas imaginações comuns e imaginários possíveis em meio a suas instabilidades próprias.

Figura 9 – Destrução da orla urbanizada de Atafona.



Fonte: Eco Serrano, 2024.

Cada narração é um mundo de possibilidades e intervenções no futuro, e pertencem a um propósito que Krenak (2017) entende como sonho. Os atos de sonhar ultrapassam a superficialidade do sono, pois, se relacionam a busca por um caminho de transformação das realidades devastadoras que atingem, especialmente, as periferias globais. Sonhar consiste em um processo consciente de pensamento crítico acerca da condição atual da sociedade e do planeta, uma vez que, à mercê do sistema do lucro e invertendo a lógica do progresso

exploratório, somos movidos a buscar práticas e posturas mais solidárias às pessoas e ao planeta. Diante disto, o mundo em ruínas que podemos ver em Atafona torna possível sonhar e produzir, cotidianamente, em meio as perdas (i)materiais causadas pela erosão, uma comunidade viva, criativa e resiliente, construindo territorialidades de defesa para resistir e viver face ao mar que se aproxima.

Considerações finais

Este trabalho propôs seguir a discussão sobre o papel da narração como instrumento de resistência das comunidades tradicionais perante algumas das formas de apropriação e dominação do ser humano e da natureza pelo capital. O modelo de desenvolvimento societário global sustentado pelo modo de produção do capital impõe uma série de determinações que provocam a reprodução de um sem-número de violências, usurpações e desigualdades distribuídas nas dimensões econômica, política, social, cultural e ambiental. Um dos mecanismos identificados para a realização deste processo se orienta pela produção do valor simbólico do consumo e competitividade no ser humano, em que as redes sociais se transformam em instrumentos planejados para atingir a construção estética do indivíduo capitalista.

A narração surge como um mecanismo de combate à realidade hegemônica, sendo um catalizador de sentimentos de pertencimento aos lugares e às pessoas. Os princípios da prática da narração consistem em um contato entre indivíduos de diferentes gerações que formam coletividades através da ressignificação de saberes e conhecimentos do passado. O respeito pelo conteúdo narrado orienta a valorização dos símbolos culturais que construíram a história dos lugares, desenvolvidos intrinsecamente no modo como as pessoas ocupam, intervêm e se relacionam com os territórios. Estas formam uma comunidade regida por valores socioculturais que podem contrapor os objetivos do capital, negando a possibilidade de ascensão de uma lógica individualista patrocinada por uma gênese competitiva para o lucro. A narração recupera a capacidade de valorização dos lugares e das pessoas, estabelecendo uma rede social real, ou analógica, pavimentada pela solidariedade, e que torna possível a resistência aos diferentes modos de dominação.

Atafona foi destacada como exemplo das diversas comunidades tradicionais, que, baseadas em um tradicionalismo cultural ressignificado por práticas, como a narração, podem

desenvolver instrumentos de luta contra as diferentes formas de injustiça socioambiental. Em meio à destruição de seus lares pelo movimento das ondas e terras, a falta de política pública e a imposição de uma concepção de desenvolvimento excludente, ainda se estabelecem territorialidades de enfrentamento que começam com a narração das histórias de permanência. Um poder simbólico que preenche vazios, conecta pessoas através da construção de sentidos e permeia possibilidades de ação perante as contradições existentes no meio social. A comunidade, entre a lágrima da dor e da felicidade, (re)vive Atafona.

Referências

- BBC BRASIL. **Vilarejo no Brasil está sendo invadido pelo mar; assista.** 2007. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/11/071127_atafona. Acesso em: 4 de mar. de 2025.
- BRISO, Caio Barretto. **O mar está engolindo esta cidade brasileira.** National Geographic, 2021. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2021/10/atafona-rio-de-janeiro-mar-esta-engolindo-cidade-brasileira>. Acesso em: 4 de mar. de 2025.
- CARVALHO, Mauro. A construção das identidades no espaço escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 209-227, 2012.
- CNN BRASIL. **Costa do Brasil sofre forte erosão com avanço do Atlântico; veja fotos.** CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/costa-do-brasil-sofre-forte-erosao-com-avanco-do-atlantico-veja-fotos/>. Acesso em: 4 de mar. de 2025.
- DE VASCONCELOS, Sérgio Cadena; RAMOS, Isabelle Afonso; NUNES, Rafael da Silva; SANTOS, Ricardo Alvares dos; FIGUEIREDO JUNIOR, Alberto Garcia de. Dinâmica erosiva e progradacional das praias de Atafona e Grussaí (RJ), 1954-2019. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 33, p. 162-182, 2021.
- DI LORENZO, Alessandro. **Esta praia brasileira está sendo ‘engolida’ pelo mar.** Olhar Digital, 2025. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2025/05/16/ciencia-e-espaco/esta-praia-brasileira-esta-sendo-engolida-pelo-mar/>. Acesso em: 25 de mai. de 2025.
- ECOSERRANO. **Cidade do RJ pode ser uma das primeiras a “desaparecer” por elevação do oceano.** Eco Serrano, 2024. Disponível em: <https://ecoserrano.com.br/meio-ambiente/cidade-do-rj-pode-ser-uma-das-primeiras-a-desaparecer-por-elevacao-do-oceano/>. Acesso em: 25 de mai. de 2025.
- FRANCE 24 ENGLISH. **Climate change: The Brazil resort town disappearing into the sea •** FRANCE 24 English. FRANCE 24 ENGLISH, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FCSTjLWsh5U>. Acesso em: 25 de mai. de 2025.
- GOMES, Carolina. **Os refugiados ambientais de Atafona.** Projeto Colabora, 2020. <https://projetocolabora.com.br/ods13/os-refugiados-ambientais-de-atafona/>. Acesso em: 25 de mai. de 2025.

- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO et al. **Geografia: conceitos e temas**. Bertrand Brasil. v. 2, p. 165-205, 1995.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. EDUFF. 1997.
- HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Geo Uerj**, n. 5, p. 7, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Blackwell Publisher, p. 7-102, 2006.
- HAN, Byung-Chul. Matthes & Seitz Berlin Verlag, Berlin, p. 9-69, 2023.
- IBGE, 2025. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-joao-da-barra/panorama>. Acesso em: 10 de abr. de 2025.
- J3 NEWS. **Manifestação pede ações urgentes contra erosão costeira em Atafona**. J3 News, 2025. Disponível: <https://j3news.com/2025/02/23/manifestacao-pede-acoes-urgentes-contra-erosao-costeira-em-atafona/>. Acesso em: 23 de fev. de 2025.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Editora Companhia das letras, 2017.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Editora Companhia das Letras, 2015.
- MIRANDA, Giuliana. **Mar deve subir 16 cm em Rio de Janeiro e Atafona (RJ) até 2050, projeta ONU**. Folha de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2024/08/mar-deve-subir-16-cm-em-rio-de-janeiro-e-atafona-rj-ate-2050-projeta-onu.shtml>. Acesso em: 4 de mar. de 2025.
- MORGADO, Gabriela. **Mar deve subir até 21 cm em Atafona, São João da Barra, até 2050, aponta ONU**. Band, 2024. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/rio-de-janeiro/noticias/mar-deve-subir-ate-21cm-em-atafona-ate-2050-aponta-onu-202408281534>. Acesso em: 4 de mar. de 2025.
- PARAHYBANO. **Foz do Paraíba do Sul volta a fechar entre Pontal de Atafona e Convivência**. Parahybano, 2022. Disponível em: <https://parahybano.com.br/foz-do-paraiaba-do-sul-volta-a-fechar-entre-pontal-de-atafona-e-convivencia/>. Acesso em: 25 de mai. de 2025.
- PEARSON, Samantha. Rising Atlantic Ocean Engulfs Fishing Town in Brazil. **The Wall Street Journal**, 2023. Disponível: <https://www.wsj.com/science/environment/rising-atlantic-ocean-engulfs-fishing-town-in-brazil-b1d69c2d>. Acesso em: 4 de mar. de 2025.
- RIBEIRO, G. P.; ROSAS, R. O. Processos costeiros: erosão em Atafona e progradação em Grussáí, São João da Barra (RJ) – morfometria para retratação espacial desses eventos e identificação de sua tendência evolutiva. **VI SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA**, Goiânia, Anais, p. 1-12, 2006.
- SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. Editora Paz e Terra, 2024.
- VALPASSOS, Carlos Abraão Moura; CUNHA, Juliana Blasi. **Atafona: registro de um mundo em ruínas**. GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia, v. 8, n. 1, p. 20, 2023.
- VIANA, Leandro Fernandes. **Moinho Ambiental: Dinâmicas adaptativas e enfrentamento das mudanças ambientais com foco na erosão costeira em Atafona**. EDUENF. São João da Barra (RJ). p. 1-164, 2021.



VIANA, Leandro Fernandes. **Dinâmicas adaptativas diante da erosão da praia de Atafona SJB/RJ:** contribuições para psicologia ambiental. Revista PET Interdisciplinar Conexões de Saberes (UFPA). V. 7 n. 1, jan-jul, 2023

VIDON, Filipe. **'Como um castelo de areia':** conheça a cidade brasileira que já vive as consequências da elevação do oceano citada em relatório da ONU. O Globo, 2024.

Disponível: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/08/28/como-um-castelo-de-areia-conheca-a-cidade-brasileira-que-ja-vive-as-consequencias-da-elevacao-do-oceano-citada-em-relatorio-da-onu.ghtml>. Acesso em: 4 de mar. de 2025.